

## Por uma arquitectura autêntica.

Margarida Marques<sup>1</sup>; Helder Casal Ribeiro<sup>2</sup>

1 Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

2 Assistant Professor Faup; Researcher CEAU - FAUP Group Atlas da Casa - Identidade e Transferência

A presente dissertação é, na sua essência, um estudo sobre arquitectura moderna e por essa razão tem o compromisso de apresentar os seus acontecimentos dentro da moldura dos antecedentes próximos. Deve portanto, volver ao passado, sob uma determinada perspectiva, para completar o conhecimento presente e melhor o interpretar. O espaço de tempo compreendido entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX revela-se um momento chave para a formulação, desenvolvimento e entendimento da arquitectura moderna tal como a conhecemos hoje. É um período de transição, de interrogações, hesitações, e decisões, com limites inexactos mas de singular importância. Neste período, o surgimento de um crescente desejo de actualização estimula o panorama da arquitectura por forma a ultrapassar o impasse em que se encontrava. A mudança de paradigma na vivência do quotidiano exigia o surgimento de um novo capítulo: uma arquitectura consciente do seu tempo e que correspondesse aos novos ideais progressistas.

Em na década de 20 lutava *Por uma arquitectura* proclamando a chegada de uma nova era: a era moderna. Alguns anos antes, na viragem para o século XX, Auguste Perret, movido por este mesmo desejo de modernidade, constrói o seu percurso por um exacto sentido de identidade, por uma consciência de época moderna, por uma arquitectura, autêntica.

Foi feita uma reflexão sobre a obra de Auguste Perret visando a noção de autenticidade no seu discurso arquitectónico como resposta ao momento de transição em que se insere. Esta procura é sugerida pelo desenvolvimento de uma expressão arquitectónica própria. O estudo é baseado nos seus escritos e no percurso da sua obra construída, destacando-se quatro edifícios tornados casos de estudo. São o edifício de apartamentos da rua Franklin 1903-1905, Salla de concertos Cortot 1928-1929, edifício Maurice Lange 1929-1932 e o museu das obras públicas (Musée des Travaux Publiques) 1936-1948.

Estas quatro obras equivalem sensivelmente a três momentos no percurso da obra de Auguste Perret: um primeiro momento correspondente ao início da prática profissional, um intermédio, de aprofundamento do seu processo de desenho e um terceiro que, não retratando exactamente o final da sua obra, representa o culminar dos temas explorados ao longo do seu percurso.

Auguste Perret, nasce a 12 de Fevereiro de 1874, em Ixelles, Bélgica, pelo acaso do seu pai, Claude-Marie Perret, ter procurado aí exílio fugindo da repressão. Em 1882 Claude-Marie Perret regressa a

Paris onde funda a A&G Perret, que se especializava já no uso de betão armado e na tarefa de desenvolver a construção neste material de forma tão válida quanto outros materiais, há muito estabelecidos em França. Auguste Perret precocemente manifesta interesse pela arquitectura, e em 1890 desenha uma casa de férias para a família em Berneval-sur-Mer que constrói ele próprio juntamente com os seus dois irmãos. Em 1891 inicia os estudos em arquitectura na École des Beaux-Arts de Paris, seguido dois anos mais tarde pelo seu irmão Gustave. Frequentam o estúdio de Julien Guadet onde aprendem a teoria e os princípios da antiguidade clássica e do classicismo francês, influência que indubitavelmente se viria a notar na sua obra. Em 1895 Auguste Perret abandona a École de Beaux-Arts sem ter concluído os estudos ou recebido o seu diploma, para trabalhar na empresa do pai. Em 1905, após a morte de Claude-Marie Perret, os três irmãos juntam-se formando a *Perret Frères*, cujo interesse e experimentação continuaria a reincidir na construção em betão armado. Mais tarde, assumem este *savoir faire* através da sua própria denominação: *architectes, constructeurs, béton armé*. *SLIDE* É neste momento que se encontrariam reunidas as condições para Auguste Perret assumir o controle na concepção dos edifícios bem como na consolidação contínua de uma linguagem própria que reflete tanto os temas recorrentes à disciplina da arquitectura como as circunstâncias temporais e sociais em que se insere.

No conjunto da sua obra vemos expressa a sua linguagem respondendo a diversos temas de desenho e composição. A variedade de programas, escalas e materiais presente na totalidade da sua obra torna possível aferir a mesma unidade de princípios dentro da pluralidade de formas.

De facto, a ideia de estilo funcionará como o denominador comum, aquilo que unifica e valida a heterogeneidade de um discurso arquitectónico que, ao longo do tempo, sofre mutações, evoluções, avanços ou recuos. Efectivamente, e à semelhança de Viollet-le-Duc, estilo surge como um sistema de unificação através da lógica e do método, sistema esse que oferece a “(...) *capacidade de autenticar - de 'acreditar como certos'*” os valores presentes numa dada obra. Esses valores, formas ou princípios podem dizer respeito simultaneamente à herança do passado e à circunstância presente, permitem funcionalidade e significação e assim tornam-se símbolos do seu próprio tempo, representando-o.

Através dos quatro exemplos seleccionados é possível ver expressa a sua identidade arquitectónica assente na consciência do valor da tradição e da modernidade. No edifício da rua Franklin a exaltação dos elementos estruturais na fachada remete para uma nova expressão estética e revela simultaneamente a possibilidade da emancipação da herança do passado usando-o como referência.

Este edifício representa o primeiro momento no percurso de Auguste Perret onde o emprego do betão armado surge como meio de expressão arquitectónica. Esta obra é tida como uma das propulsoras do movimento moderno, pela forma como expressa determinadas noções modernas e pelas novas possibilidades espaciais que anuncia, através do recurso à ossatura portante de betão armado. Actualmente poder-se-á considerar esta solução como um prenúncio do *plan libre* desenvolvido

posteriormente no período moderno. De facto, Auguste Perret tenta cingir o sistema estrutural ao seu mínimo essencial, reformulando as possibilidades espaciais interiores e enfatizando a importância da legibilidade da ossatura por forma a exprimir a verdade construtiva. Através do sistema estrutural utilizado, bem como da concretização estética adoptada, o edifício da rua Franklin mostra a emancipação arquitectónica de Auguste Perret e a libertação dos automatismos característicos de quando se tomava o passado como exemplo dota o edifício de uma clareza e genuinidade de expressão pelo facto de renunciar *a priori* a vontade de representação visual ou literal de um determinado estilo. Este momento inicial do percurso da obra de Auguste Perret anuncia alguns temas de desenho e potencialidades espaciais que serão exploradas posteriormente, em especial aquelas que concernem a utilização de betão armado.

Na Sala de concertos Cortot é inteligível a permanência da premissa da legibilidade construtiva, quer na sua forma mais literal, no interior, quer simbólica, no exterior. Observa-se ainda neste edifício a procura pela autenticação de determinados atributos formais através da depuração que por sua vez vem associada às possibilidades enunciadas pela construção em betão.

No interior, a racionalidade da construção da sala é enfatizada pelo contraste entre o betão e o revestimento em madeira. No exterior, o revestimento faz alusão aos elementos portantes, na forma de pilastras. O revestimento em pedra, despojado, pode ser entendido como o reflexo do pensamento exposto em “Le style sans ornament”. Este tratamento do alçado demonstra o crescente desejo de depuração formal, vontade essa alimentada também pela leitura dos manifestos de Adolf Loos, bem como do conhecimento da sua obra. À superfície plana do alçado é adicionado um conjunto de elementos arquitectónicos que informam a composição. Estes elementos constituem um conjunto de arquétipos que Auguste Perret interpreta como indispensáveis à fundamentação da arquitectura.

Não deixa de ser paradoxal verificar a presença destes elementos, nomeadamente a cornija, no conjunto alargado da sua obra quando Auguste Perret defende a depuração formal e a supressão do ornamento. Efectivamente, a interpretação deste ponto poder-se-ia prender com a inércia da tradição. No entanto percebemos que estes arquétipos estão intrinsecamente ligados à sua própria concepção de arquitectura: a forma erudita da construção, com os respectivos componentes que remetem para essa gramática. Quando confrontado com este aparente paradoxo, Auguste Perret afirma que estes elementos presentes no seu vocabulário, para além da função contra as acções do tempo, são “elementos de beleza” demonstrando assim, que sem eles a arquitectura se priva da sua gramática e de um sentido estético próprio.

A mesma vontade de depuração formal é ainda manifestada no immeuble Maurice Lange. Nesta obra está presente um conjunto de temas de desenho que refletem o seu pensamento, designadamente no que concerne o tema da habitação. O vocabulário sintetizado nesta obra é posteriormente proposto como modelo para a reconstituição da cidade de Le Havre, facto que espelha a influência da expressão

formal desta obra no restante percurso de Auguste Perret. Pela caracterização sintética e clara nos princípios que anuncia, o edifício faz referência tanto a temas do moderno como à tradição clássica.

Apesar da fluidez espacial interior o edifício Lange exprime com evidência a sua grelha compositiva. Os apoios verticais são portanto elementos preponderantes neste edifício, não só do ponto de vista formal como conceptual. De facto, eles representam a ideia de que a própria estrutura pode ser a base da composição. Esta ideia é ainda manifesta na forma como a ossatura portante se expressa. A solução adoptada coloca em evidência os oito pilares da ala central destacando-os das paredes de divisão adjacentes. Os restantes apoios verticais que constituem a estrutura portante, estão adossados às paredes exteriores representados no exterior por pilastras

Quanto à caracterização do espaço interior, Auguste Perret utiliza superfícies depuradas e desornamentadas não prescindindo contudo do revestimento, nomeadamente como forma de enobrecer os espaços. A justaposição de materiais nobres e materiais simples (tal como encontramos na sala Cortot ou no edifício de apartamentos da rua Raynouard) poder-se-á relacionar mais com o sentido estético de Adolf Loos e os interiores de mármore sobrepostos ao reboco branco.

A chegada à maturidade do percurso da obra de Auguste Perret revela a tentativa de erudição da prática da arquitectura nomeadamente no Musée des Travaux Publiques.

No Musée des Travaux Publiques o sistema estrutural revela uma importância singular tanto na para a volumetria e espacialidade requerida, como para a própria representatividade do museu. A estrutura geral é a de um edifício dentro de um edifício como concretização da ideia de *abri souverain*. É utilizado um sistema de dupla ossatura: um conjunto interior e outro exterior coordenados intrinsecamente. Disjuntas, as duas ossaturas podem se dilatar livremente, permitem dimensionar o espaço e suprimir os apoios verticais conforme exigido pelo programa. Contudo esta dualidade tem ainda um outro interesse.

O sistema estrutural é, neste edifício, o meio através do qual Auguste Perret demonstra a sua interpretação das referências clássicas que informam a sua obra. As colunas são a reinterpretação definitiva dos antecedentes clássicos e da tradição; e o betão armado a via que conduz à originalidade e à tradução da contemporaneidade. Na tentativa de enobrecer a arquitectura Auguste Perret evoca de forma literal mas também simbólica o vocabulário e as premissas da arquitectura clássica, mais precisamente a arquitectura grega. De facto, para Perret a ideia de perfeição em arquitectura estaria expressa no Parthénon.

Neste momento, a referência à tradição clássica representa não só uma fonte lícita de princípios compositivos como retrata o classicismo de Paul Valéry – disciplina de exactidão – e também de Michel Foucault – a evidência da terminologia.

Desta forma, poder-se-á interpretar a trasladação de elementos arquitectónicos formais do vocabulário clássico – como a ordem do betão armado - para o moderno como a derradeira tentativa de conciliar o binómio função/representação.

A ideia da modernidade vem reacender o debate sobre a importância da tradição e da vanguarda na concepção arquitectónica. Se, por um lado, o movimento moderno vem indubitavelmente associado à noção de conquista e de ruptura, por outro, não deixa de ser verdade que a inovação era sempre o resultado de uma dada alusão ao passado, sob uma forma mais continuada ou mais contrastante. É com base neste equilíbrio que se deve interpretar o contributo de Auguste Perret para o movimento moderno. De facto, a procura por uma arquitectura autêntica, para si, é sediada na delicada harmonia entre inovação e tradição - ou “interaction” –

tentando criar um vocabulário e uma experiência de habitar em sintonia com o presente e dotando ao mesmo tempo as formas da arquitectura de uma significação mais universal e enraizada na tradição. Para si uma atitude moderna não implicava uma radical conceptualização do espaço ou uma concretização autónoma das formas do passado; ao invés de procurar a novidade pela novidade, procura redefinir aquilo em que consiste a tradição no presente: um idioma moderno, que resulta em formas distintas partilhando as origens.

O equilíbrio entre estes dois pólos, aparentemente antagónicos, é o lugar no qual reside a fundamentação da obra de Auguste Perret. Neste contexto, a ideia de tradição significa essencialmente a atitude tomada em relação à própria concepção de arquitectura: uma atitude crítica, de contenção ou moderação face à “fantasia” da novidade, apoiada em referências e na herança do passado, como origem redefinível de significado e sobretudo como fonte de erudição. O respeito à tradição não constitui *a priori* a necessidade de formalização de um vocabulário literalmente clássico, contudo, este pode ser entendido como um ponto de partida para a criação de formas acessíveis e auto-explicativas, mesmo no contexto de uma linguagem vinculada à ideia de modernidade. O classicismo na obra de Auguste Perret é profundamente enraizado na tradição clássica, a qual associa estreitamente a *razão* ao *visível*, tal como refere Michel Foucault, acordando concepção e percepção num jogo de revelação recíproca. É com base no reconhecimento público da forma clássica que Auguste Perret propõe uma ideia de universalidade da arquitectura, ideia essa vastamente debatida no movimento moderno. Efectivamente, a tradição ajuda a orientar a inovação, prevenindo a autonomização total da criação arquitectónica e cingindo a liberdade às fronteiras daquilo que é racional.

Auguste Perret expressa igualmente a consciência da necessidade de inovação pois constata a desactualização da arquitectura face ao seu tempo, designadamente no facto de esta já não consistir uma linguagem viva que interessa e aproxima as pessoas:

Quando se refere à arquitectura como “língua morta” reafirma a vontade de ultrapassar a corrente situação do panorama arquitectónico.

Para isso Auguste Perret evoca o compromisso entre as “condições permanentes”, aquelas que perduram através do tempo, ou, num dado sentido, a tradição, e as “transitórias”, que dizem respeito ao momento e constituem inovações que se renovam ciclicamente. O conhecimento destas dinâmicas informa a linguagem da arquitectura que depois é traduzida dentro das restrições e premissas próprias da disciplina, tal como a linguagem poética o faz na literatura. Este paralelo que estabelece com a

escrita é fundamental para compreender a importância da consolidação de uma linguagem em Auguste Perret, linguagem essa que pretende ser o resultado dum exercício de rigor e exactidão, tal como é a poesia.

De facto Perret encontra no pensamento de Paul Valéry uma clara repercussão do significado dado ao seu propósito como arquitecto: o acto de construir como a combinação do pensamento racional com a expressão espacial. Para além do entendimento mútuo entre os dois ofícios, recorre à analogia com a poesia como forma de explicar o seu processo criativo: a construção de formas verdadeiras e lógicas, resultantes de uma disciplina de restrição, de uma estrutura de consciência, que regula e valida a liberdade artística. Este método próprio teria por objectivo tornar erudito, ou poético, o acto de construir.

É através desta aplicação da sensibilidade poética, e da procura por uma gramática apropriada aos problemas ambos permanentes e efémeros que Auguste Perret consolida a sua própria linguagem e revela a preocupação pela autenticidade na criação artística. Este constante processo motiva o surgimento de padrões de pensamento e a repetição de temas de desenho que confluem na visível consolidação de uma expressão própria. *SLIDE* Na sua linguagem o vocabulário utilizado tem sempre inerente um objectivo que é simultaneamente funcional e representativo. A cada elemento, geralmente autonomizado e enfatizado é dada uma identidade singular, para que expresse a sua necessidade e a sua exactidão na totalidade da composição. Este vocabulário é restrito o suficiente para permitir o seu reconhecimento e amplo o bastante para admitir a variação indispensável a adequar às exigências e particularidades de cada caso. Para si, os elementos da arquitectura – colunas, vigas, arcos, paredes, vãos ou lajes – eram semelhantes a um vocabulário que se podia combinar numa grande variedade de formas em função das necessidades práticas e simbólicas. Como palavras numa determinada língua, estes elementos podiam ser modificados ou mesmo completamente transformados pela própria evolução do tempo. Contudo, quaisquer que sejam as formas que adoptem, a sua sobrevivência dependia da sua capacidade de responder pragmaticamente a funções objectivas e a sua escolha deveria provir de conclusões racionais e não necessariamente de uma procura arbitrária de sinfonias visuais.

Contudo, a presença inequívoca de uma linha condutora em toda a extensão da obra manifesta que Auguste Perret concretiza a sua hipótese de autenticidade, através da consolidação de respostas a vários problemas oriundos do momento em que se insere (o limiar do moderno) e que se propõe a resolver. Em síntese, poder-se-á compreender o seu contributo como a refundação das premissas de desenho, quando tira partido da liberdade que o sistema construtivo permite. *SLIDE* Através das potencialidades da construção em betão armado, Auguste Perret manipula as formas e molda o espaço interior, partindo assim para um novo significado dos elementos arquitectónicos na organização do espaço. É esta renovada consciência moderna e capacidade de aliar tradição e actualidade que evoca a preocupação por consolidar uma linguagem lógica, racional, poética mas autêntica.